

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Nos últimos anos, os estudantes de todo país têm dado incontáveis exemplos de indignação, organização e luta em defesa das escolas, das Universidades e dos direitos do povo brasileiro. Estivemos em peso nas grandes manifestações de 2013 e fomos a ponta de lança da luta contra a Emenda Constitucional 95, ocupando muitas cidades, Brasília e milhares de instituições de ensino contra a absurda política de proibição do crescimento do investimento em educação e outras áreas sociais. Apoiamos a luta dos trabalhadores nas Greves Gerais de 2017, construímos o #ForaTemer e o #EleNao. Com a ascensão do fascista Jair Bolsonaro à presidência, os estudantes foram os primeiros a emplacar grandes manifestações contra o Governo inimigo da educação. O tsunami da educação contestou a suposta hegemonia bolsonarista, reverteu cortes e enterrou o Future-se, programa privatista do MEC de Weintraub. Com o início da pandemia da Covid-19, nos mantivemos firmes defendendo o papel da educação no enfrentamento desta e as medidas de assistência estudantil necessárias no período, bem como organizando redes de solidariedade.

As lutas que temos enfrentado nos últimos anos nos ensinam uma lição: é nas ruas, nas lutas diárias e na organização da indignação dos estudantes que reside nossa chance de transformar a educação e a vida dos jovens no Brasil. É necessário enfrentar não só o Governo mas as elites que o mantém, aqueles que enxergam na educação, ou na destruição dela, uma chance de lucrar, como grandes especuladores, banqueiros e os donos por trás dos grandes monopólios da educação privada.

Infelizmente, os estudantes secundaristas não têm podido contar como deveriam, nessa luta, com o que deveria ser a sua principal ferramenta de luta - a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). A direção majoritária da entidade adiou, de maneira antidemocrática, a realização do 44º Congresso da UBES, que deveria ter sido realizado em 2019, e foi conivente com o esvaziamento das manifestações contra Bolsonaro em 2021, levado a cabo pelos setores majoritários da Campanha Fora Bolsonaro, que direcionaram a força do movimento das ruas para a saída puramente eleitoral.

Além disso, a direção majoritária faz de tudo para excluir os setores da oposição na construção democrática da entidade. Muitas vezes, diretores da oposição, embora igualmente eleitos no Congresso, ficam sabendo das decisões da UBES pelas redes sociais da entidade. As reuniões de diretoria não são realizadas com a regularidade que deveriam e por elas não passam grande parte das decisões importantes que devem ser tomadas. Quando a direção majoritária da entidade se utiliza dessa estratégia, afirma que pouco vale a opinião de milhares de estudantes que participaram do Congresso da UBES, apenas porque estes votaram em outras chapas.

Também é marca das últimas gestões da UBES a priorização dos acordos de gabinetes, em detrimento da organização dos estudantes em cada escola para lutar pelos seus direitos. Assim, deixamos de conquistar muito, já que a força do conjunto dos estudantes é muito maior do que a dos acordos de cúpula.

Especialmente neste ano, após a interrupção das aulas presenciais por cerca de 2 anos, o movimento estudantil tem a tarefa de se rearticular em cada escola. O Congresso da UBES é uma etapa desse processo, mas é preciso mais. O retorno aos estados deve ser acompanhado da intensificação da organização de grêmios e das lutas que precisamos travar em defesa de melhores condições de estudo e de vida. Não devemos aceitar nem mais um dia de falta de professores, escolas caindo aos pedaços, falta de merenda e outros absurdos. Devemos lutar pelo passe-livre irrestrito onde ainda não o conquistamos, garantindo à juventude o acesso não só a educação, mas também ao lazer e à cultura, bem como por mais bolsas, laboratórios, quadras de esporte, etc. Tudo isso passa por lutar contra Bolsonaro e todos os governadores e prefeitos inimigos da educação, que diminuem ano a ano os investimentos para destinar dinheiro a grandes empresários que financiam suas campanhas eleitorais milionárias.

O Movimento estudantil deve seguir sendo a ponta de lança contra o governo Bolsonaro. Para isso, precisamos construir uma UBES que saiba reconhecer os desafios de rearticular os grêmios e estudantes por todo o país após a pandemia. Mais do que nunca, devemos construir um movimento que entenda que a tarefa de derrotar o bolsonarismo e avançar nas nossas reivindicações mais imediatas e urgentes não podem ficar subordinadas apenas às eleições de outubro. Para conquistarmos uma mudança real, teremos que nos somar em todos os esforços para derrotar o fascismo em um grande tsunami antifascista! Devemos ter claro para nós que independente de quem assuma o novo governo em 2023, teremos que construir uma UBES independente e combativa, capaz de não se render a nenhum projeto que ataque os estudantes.

Por tudo isso, defendemos uma UBES que se coloque radicalmente em defesa dos direitos dos estudantes e do povo brasileiro, fazendo os enfrentamentos necessários contra aqueles que querem destruir a educação pública. Uma UBES profundamente democrática, que abra suas portas para cada estudante disposto a lutar, a organizar seu grêmio e a se somar nas diversas batalhas que temos pela frente. Somente dessa forma é possível reunir milhões de estudantes em defesa da educação e das condições de vida do povo, contra o fascismo.

Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu? Aqui está presente o Movimento Estudantil!
Por uma UBES combativa e democrática!

Por uma UBES presente nas bases!

Fortalecimento das entidades estaduais, municipais e grêmios estudantis!

Por uma UBES com independência política frente aos governos e que represente os interesses do conjunto dos estudantes!

Pela democratização das estruturas da UBES com participação das entidades locais e de base!